

Uma mulher, um caiaque e o oceano

Simone Miranda Duarte

EDIVENTURA

2010
2ª edição
São Paulo

© 1995 by Simone Miranda Duarte

Proibida a reprodução total ou parcial e por qualquer meio.
Infratores serão punidos na forma da lei.

Direitos desta edição reservados à:
LUIZ AUGUSTO DIAS ZOROVICH

www.ediventura.com

EDIVENTURA

Guto Zorovich

Nilton Teixeira

Projeto editorial	Guto Zorovich
Revisão 1ª edição:	Mônica Savini
Revisão desta edição	Karen Magri e colaboração Viviane Zantut
Arte	Rafael Campos
Assistente de edição	Rose Tavares
Fotos	Acervo pessoal da autora, Rafael Campos (pág. 14)
Gravuras	Rafael Campos e Ricardo Araki

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Duarte, Simone Miranda
Uma mulher, um caiaque e o oceano / Simone
Miranda Duarte. -- 2. ed. -- São Paulo :
Ediventura, 2010.

1. Canoas e canoagem 2. Duarte, Simone Miranda, 1960-
3. Esportes aquáticos 4. Viagens - Narrativas pessoais
5. Viagens oceânicas de caiaque I. Título.

ISBN: 978-85-63929-00-6

10-09628

CDD-797.122

Índices para catálogo sistemático:

1. Viagens oceânicas de caiaque : Narrativas pessoais :
Esportes aquáticos 797.122

Do Editor

Republicar o livro da Simone era um sonho anterior ao da Ediventura. Foi o primeiro livro de canoagem em português que eu li. Dei de cara com ele em um sebo paulistano e demorei alguns segundos antes de vencer a surpresa - e a vergonha - de, como canoísta, não conhecê-lo. Devorei a travessia em horas contínuas.

Decidi comprar cinco para presentear amigos remadores e precisei garimpar metade de São Paulo (a quarta maior metrópole do mundo), para conseguir três exemplares novos. Bom, poderia tentar nos sebos e até emprestar o meu, mesmo cheio de anotações... ou republicá-lo.

Daqueles presenteados, um ou outro já o conhecia, mas ninguém o tinha lido. Sebo não faz parte do senso prático paulistano, e em uma “Era” ainda sem internet, ninguém investia muito tempo buscando livro esgotado. Além disso, a estante de “aventuras” oferecia Amyr Klink, Tony Farrington, Jon Krakauer, uma década recheada para complementar bibliotecas que já contavam com a aventura de Thor Heyerdal, por exemplo.

A vida tomou outros rumos e o ciclo dos livros voltou à minha vida, e com ele a oportunidade de eu parar de relatar para todo mundo que, há 10, 11, 12... 20 anos, uma pessoa fantástica veio do Rio de Janeiro a Santos em um caiaque, movida pela paixão pelo mar e pelo amor ao seu esporte.

E se um caiaque não era algo comum, que dirá uma mulher em um. Esqueça também GPS, remos de carbono e telefones satelitais. Ou patrocínios. Ainda assim, a naturalidade com que descreve as manobras que executa em seu caiaque ou o encontro com golfinhos, tubarões e tempestades, transporta o leitor e desmistifica de uma vez por todas a imagem de um esporte para poucos ou “loucos”.

A canoagem brasileira agradece!

Generosamente, Simone dividiu sua experiência descrevendo as emoções e mudanças pelas quais passa o viajante, de forma acessível a qualquer um, aventureiro de carteirinha ou não. Mais generosamente ainda me permitiu relançar este livro.

Leia, viaje, divirta-se. E quem sabe depois não planeje; viaje, escreva e publique.

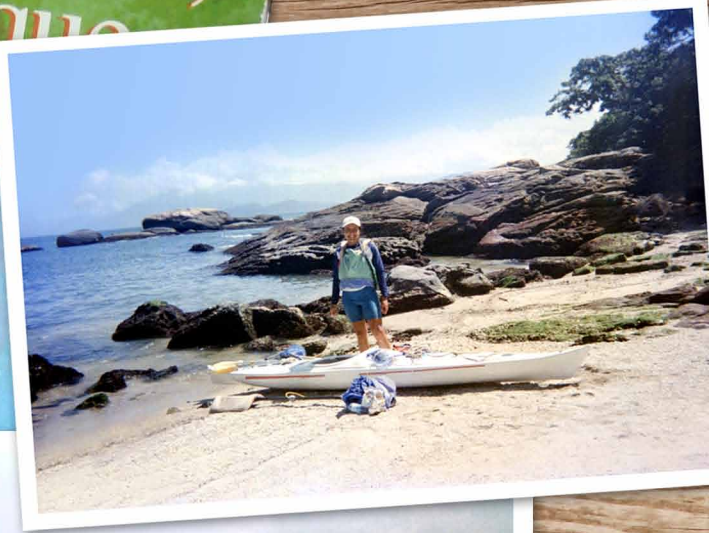
A meus pais (Lourdes e Alexandre),
pelo carinho, paciência
e respeito por minhas opções...
por mais estranhas que fossem.

*“Se eu pudesse viver novamente
a minha vida, na próxima
trataria de cometer mais erros.
Não tentaria ser tão perfeito,
relaxaria mais.
Seria mais tolo ainda
do que tenho sido,
na verdade bem poucas coisas
levaria a sério.
Seria menos higiênico.
Correria mais riscos, viajaria mais;
contemplaria mais entardeceres,
subiria mais montanhas,
nadaria mais rios.
Iria a mais lugares
onde nunca fui (...).”*

“Instantes”, Jorge Luiz Borges

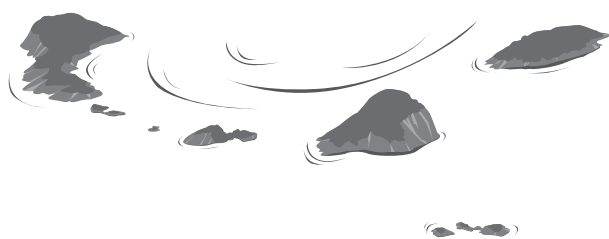
Nota do Editor	03
Distâncias e convergências	10
E a ideia veio do mar	16
Até acreditar em mim	22
Mais um ano de espera... e amadurecimento	30
Dois meses depois, uma nova travessia	40
Será que é verdade?	52
A espera e a fúria	62
Há sempre o azul	68
Meu Deus! Há um intruso a bordo...	82
Um descanso diferente	94
A tempestade	106
A volta ao normal	114
A Autora	118
Legendas das Imagens	119
Caderno de Imagens	120

Uma mulher,
um caiaque
e o oceano
Desafios e travessias
SIMONE MIRANDA DUARTE



W
WORLDWIDE
2º CICLO DE PALESTRAS
SIMONE DUARTE
**450 Km,
10 Dias em
um Caiaque
24
Maio**
(INSCRIÇÕES GRATUITAS - VAGAS LIMITADAS)





Ilhas Cagarras

Distâncias e convergências

Pousado sobre as águas transparentes do mar e esbranquiçado pela ação de inúmeras gaivotas, o paredão liso da ilha impressionou-me pela leveza de sua imponência ante a pequenez de meu caiaque. “Que bela encosta!” – exclamei.


Era um dia claro de dezembro e o ar guardava o frescor úmido das chuvas do dia anterior. Sentindo o balanço sonolento das marolas que lambiam o casco do caiaque, contemplei os detalhes de cada metro daquele pedaço de terra cercado de água, como se meus olhos fossem os primeiros a pousar sobre aquelas rochas erodidas. Olhando para trás, distingui o perfil sinuoso das montanhas que beijam o céu da cidade do Rio de Janeiro.

Estava realizando um sonho: pela primeira vez, eu acabara de chegar remando às Ilhas Cagarras. O Arquipélago das Cagarras é uma das duas áreas de relevante interesse ecológico do Estado do Rio de Janeiro, e é a única elevação inserida na monotonia do horizonte das praias de Ipanema e Leblon. Era um encontro acalentado há anos, e eu não o viabilizara antes, devido ao medo, à falta de intimidade com o mar e ao total desconhecimento dos acessos ao mundo náutico da cidade.

Esta foi a primeira de muitas idas a essas ilhas, que, sempre que estou no Rio de Janeiro vigio com especial carinho e predileção. Desde então, brotou em mim uma paixão serena e aconchegante pelo caiaque e pelas ilhas, o que passou a tomar parte significativa de meu universo.

O caiaque conquistou lenta e pacientemente meu gênio difícil. Confesso que não foi amor à primeira vista (aliás, à primeira remada). Achava-o chato, monótono, sem graça, usava-o apenas para queimar algumas calorias extras e ganhar força nos braços para empreender escaladas nas montanhas do Rio de Janeiro. Achava, também, incômoda a posição no assento de sua cabine. Tornei-me dócil à sua sedução, à medida que ele foi me levando para apreciar belos nascentes na Praia de Copacabana e, também, a inesquecíveis passeios aos finais de semana. Aos poucos, fui percebendo o potencial daquilo que mais se parecia com uma “casquinha de ovo”. É extremamente versátil, fácil de manusear, simples de transportar e de guardar. Nossa relação ficou mais séria quando tive que tomar difíceis decisões profissionais e curar uma dor de cotovelo aguda. Como um confidente atento às feridas emocionais do amigo, invariavelmente ele me conduzia aos meus refúgios. Passei tardes e mais tardes sozinha em ilhas, sentada nas pedras, abraçando os joelhos, contemplando o vaivém das ondas e o voo dos atobás. Buscava organizar a cabeça e o coração, tendo como fiel companheiro aquele amigo silencioso.

Inicialmente, muito tímida com o mar e suas surpresas, sofri um pouco para aprender a ler as possibilidades de boas condições de navegação. Dentro de meu currículo de aprendizagem incluem-se três resgates, um deles com a ajuda de helicóptero.



Percorrer longas distâncias pacientemente, remada após remada, encontrando cardumes, tartarugas, golfinhos e até mesmo pingüins, baleias e tubarões, aumentou minha vontade de ir cada vez mais longe, sem perder a terra de vista, cultivando um profundo respeito pelo mar e seus caprichos.

Aos poucos, fui aumentando os percursos e conhecendo mais ilhas. As ilhas que visitava com mais frequência eram Maricás, Pai, Mãe, Cotunduba, Redonda, Filhote da Redonda, Ilhas Cagarras, Ilhas Tijucas, Curupira e Peças, todas no litoral da cidade do Rio de Janeiro. Nelas, desfrutei momentos fantásticos e despendi várias tardes na observação de diversos aspectos da vida animal, especialmente os ciclos de reprodução, crescimento e desenvolvimento das aves.

Após o início desta paixão, me vi, muitas vezes, mergulhada em livros e artigos em busca das origens do caiaque, nascido da arte naval do povo esquimó. A palavra KAYAK significa “barco de homem” (QAJAQ - QA = homem; J = de; AQ = embarcação). Há poucos artefatos navais com história mais antiga do que o caiaque. Em escavações arqueológicas feitas num cemitério perto de East Cape, Sibéria, foram encontrados modelos preservados de caiaques datados de 2.000 anos. Antes do contato com as culturas ocidentais, o caiaque era utilizado por todas as tribos esquimós (ou Inuit, como eles se autodenominam). As condições climáticas e topográficas, sob as quais foi desenvolvido, variavam muito. No sul da Groenlândia ou do Alasca, as águas permaneciam descongeladas praticamente durante todo o ano. No Alto Ártico, era possível navegar apenas 90 dias ao ano. As condições variavam assim como os *designs* dos caiaques. Até hoje já foram catalogados 40 tipos com diversos desenhos.

A principal utilização do caiaque de mar era para caçar foca, narval e baleia. Os caiaques para águas interiores serviam para caçar caribou¹ nos lagos e rios, lançar rede de pesca, transportar pessoas, capturar pássaros e muitos outros usos.

Atualmente, essas embarcações são utilizadas apenas no extremo norte e sul da Groenlândia e em algumas comunidades no Sudeste do Alasca, sendo gradativamente substituídas por canoas motorizadas e barcos a motor.

Estes caiaques não sobreviverão ao final do século XX como instrumentos de caça, e duvida-se que resistam até mesmo como espécimens de museus. Há apenas 200 a 300 originais em exibição no mundo inteiro. Devido ao seu tamanho, material de fabricação e peso, são os mais delicados artefatos de muitos acervos. As grandes mudanças de temperatura e umidade provocam o encolhimento da pele de foca, da qual são revestidos, rasgam a superfície e deterioram a estrutura de madeira. Consequentemente, estarão extintos em pouco tempo.²

(1) N.E. Caribou ou Caribu, ou ainda Rena: um cervídeo de grande porte, com chifres, que vive em lugares característicos das regiões árticas do norte do Canadá e do Alasca.

(2) N.E. Muitos caiaques originais foram perdidos assim, mas já há uma técnica em museus que conseguiu estabilizar o desgaste gerado pela ação do tempo.

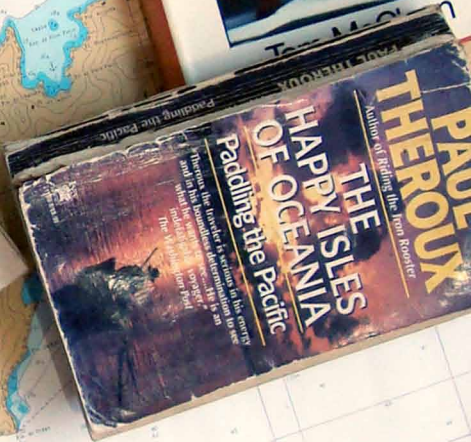
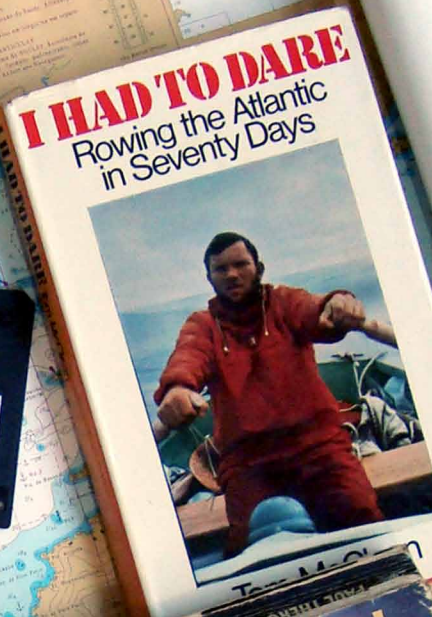
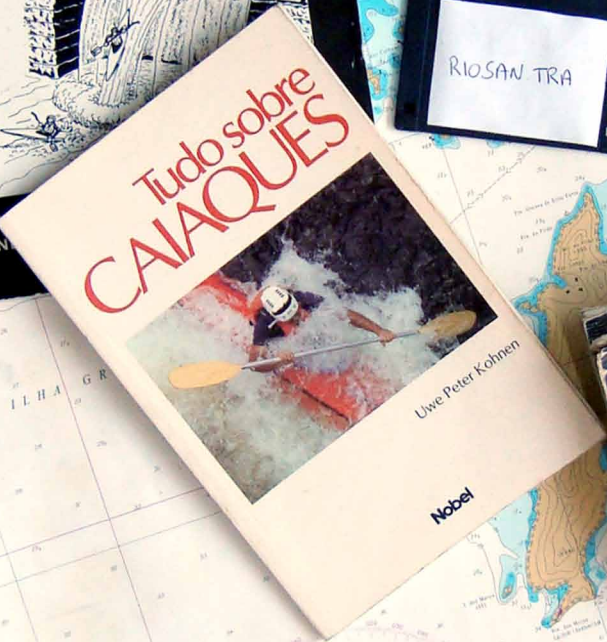
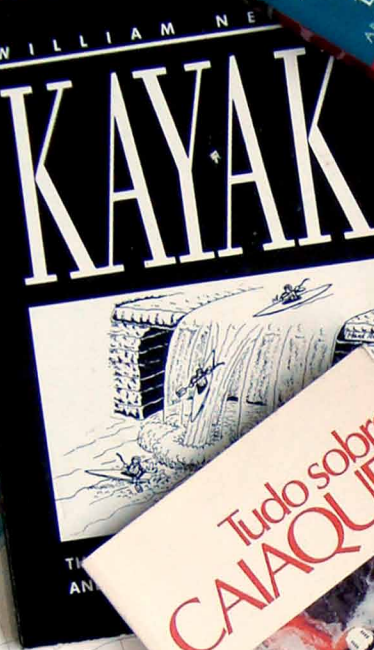
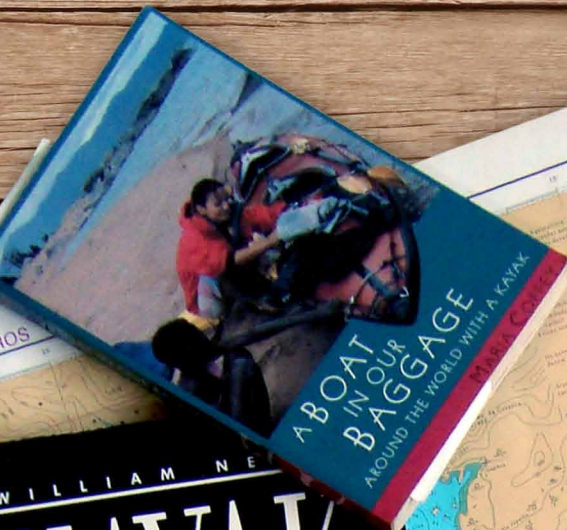
Lamento que a arte da fabricação destas embarcações esteja sofrendo ameaça de extinção, a exemplo da técnica de construção de canoas dos índios e caiaças brasileiros, que acompanham o lento processo de degradação da identidade de sua cultura.

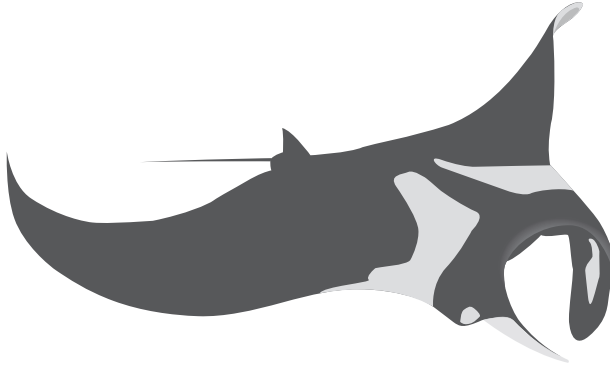
As horas de meditação e contemplação solitária a bordo do meu caiaquinho teceram em mim a percepção da natureza como um todo, um organismo no qual nenhuma das partes é isolada do resto, em que tudo está ordenado em conexão viva e tem uma razão e um sentido para existir. Tive tempo – coisa difícil para quem vive num grande centro urbano – para observar e pensar sobre a infinidade de variáveis físicas e químicas que, em constante movimento, garantem a subsistência do fenômeno **vida** no nosso planeta.

Entendi que, antes de estudar, defender ou ter um discurso inflamado sobre defesa ambiental, é preciso solidificar, através de uma experiência pessoal, convicções acerca da necessidade de respeitar e honrar o meio ambiente. Além disso, percebi o quanto é importante observar os fenômenos naturais sem a tentação dominadora de querer manipulá-los. É necessário entender e pesquisar as leis naturais sem interferir no seu desenvolvimento.

Enfim, remando num insignificante e discreto caiaque, aprendi a amar o mar e a ser atenta aos seus ensinamentos. Por meio de situações específicas ele me deu a oportunidade de interpretar as adversidades como parte integrante do trajeto percorrido para alcançar objetivos. Experimentei, num sadio isolamento, a determinação, a compenetração, a dedicação e a paciência necessárias para ousar sobre ideais fora dos parâmetros frequentes, mais conhecidos como sonhos. Nessa mesma linha de constatações, compreendi que a materialização de um sonho é sempre muito diferente daquilo que imaginamos. Mas toda a disposição, força de vontade, obstinação, têmpera, razão e até mesmo teimosia para a sua realização, ainda continuam buscando suas raízes no Amor e na Fé com suas imensas potencialidades.

Simone Miranda Duarte





Raia Jamanta

E a ideia veio do mar...

**“Ih! Olha lá, mãe!
É uma mulher!”**

O som repetitivo do remo entrando na água ecoava naquela silenciosa e morna tarde de calmaria. Eu voltava das Ilhas Cagarras, em direção ao posto seis da Praia de Copacabana, contemplando o verde relevo da cidade e um belo poente incendiando o horizonte. Em meio a um silêncio restaurador – quebrado apenas pelo “put-put” do motor de uma traineira que passava ao longe – parei para beber água. Comecei, então, a lembrar as imagens marcantes do dia: logo quando saía da arrebentação da praia, um cardume de peixes voadores atropelou a proa do caiaque; no meio da travessia, encontrei um enorme peixe-lua a boiar preguiçosamente na superfície da água; escorreguei ao tentar subir na encosta rochosa de uma ilha, o que resultou num corte profundo e mais uma cicatriz na perna; quando estava sobre a ilha examinando a ferida, surgiu um bando de golfinhos fazendo evoluções a poucos metros da pedra; mais tarde, encontrei um ninho e fiquei encantada ao presenciar o nascimento de uma gaviotinha que se esforçava para romper a casca do ovo entre paradas para respiração e descanso. Lembrei, também, o susto com duas enormes jamantas que apareceram perto de onde eu, despreocupadamente, mergulhava.

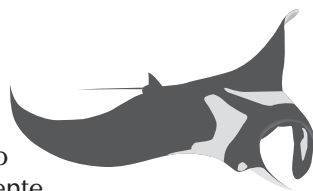
Eu estava maravilhada com a riqueza dos sentimentos vivenciados com o barquinho que me proporcionava momentos de inigualável integração com a natureza. Pensamentos soltos me levaram às informações de canoagem oceânica que recebi do exterior através de livros e revistas especializadas. Recordei-me, em especial, das expedições realizadas em caiaques, que circunavegaram a Grã-Bretanha, a Austrália e o Japão, e das travessias do Cabo Horn, no extremo sul do continente americano.

Durante uns trinta minutos “liguei o automático” e, sem prestar atenção ou sentir que estava remando, comecei a desenvolver mentalmente o projeto de empreender travessias na costa do fantástico litoral brasileiro. Inicialmente, a ideia me pareceu uma loucura, uma vez que não havia no mercado equipamentos adequados (caiaques oceânicos¹, bombas, rádios, etc.) e muito menos canoístas tarimbados que pudessem passar as experiências vividas. Quanto à navegação, eu não sabia nem o que era uma carta náutica.

Quando cheguei à Praia de Copacabana, encontrei turistas, veranistas, moradores, crianças, senhoras, velhos, cachorros... que a noite quente de verão atraía para beira mar. A iluminada orla marítima parecia uma festa. Alheia àquela movimentação e ao clima animado do *footing*, saí da água carregando nas costas o caiaque e os equipamentos. Meus passos entre o mar e o carro foram atentamente acompanhados por olhares curiosos e críticos, e inúmeros comentários: “- Hum... mas que ombros largos!”, “-Ih! Olha lá, mãe! É uma mulher!” e assim por diante. Acostumada a

(1) O caiaque oceânico tem maiores dimensões, é provido de leme, bomba d'água e bagageiros estanques (na proa e na popa).

esse tipo de reação, ensaiei um sorriso diante do desconhecimento existente sobre a prática de canoagem oceânica e, enquanto prendia o caiaque ao *rack* do carro, continuava profundamente mergulhada na especulação de uma travessia. O que eu não sabia é que a ideia me enfeitiçaria pelo resto daquela noite de sábado.



Apesar do cansaço, me obriguei a cumprir detalhadamente o ritual de lavagem do equipamento. As sucessivas remadas às ilhas me ensinaram a levar tantos equipamentos para empreender percursos relativamente simples e curtos, que parecia exagero da minha parte. São apenas noventa minutos de duração, cobrindo a distância de quatro milhas² (7,4 km), mas o respeito pelo mar foi crescendo, à medida que passei por situações embaraçosas, em que tal procedimento prévio teria amenizado bastante as dificuldades.

Por exemplo, certa vez, somente para treinar, fui até a Ilha de Palmas, no Arquipélago das Cagarras. Como não tinha o intuito de desembarcar, pois o percurso era pequeno (pouco mais de 4 milhas) e eu pretendia cobri-lo no máximo em duas horas, levei comigo apenas o caiaque, remo, saia contra respingos e o colete salva-vidas. Quando cheguei à ilha, eram 17h20. Em pouco menos de uma hora, cairia a noite. Resolvi parar cinco minutos e voltar antes do anoitecer.

Com a intenção de lavar o rosto deixei o remo flutuando junto ao caiaque. Quando o procurei novamente, ele havia sumido. Fiquei intrigada, pois, em geral, o remo de pá dupla flutua, e não havia correntes fortes que o pudessem carregar tão rapidamente. Olhei para o fundo e localizei, uns dez metros abaixo da superfície, uma mancha vermelha: era a pá do remo e eu não havia levado a máscara de mergulho! Perguntava-me como um remo podia afundar, mas afundou, e eu precisava fazer alguma coisa, e rápido. Não havia qualquer sinal de embarcações de pescadores, comuns àquela área. Teria que passar a noite na ilha, ou tentar voltar remando com as mãos. Dei algumas voltas acima do remo para plotar sua posição em relação a outros referenciais e, com as mãos, remei até a ilha.

Deixei o caiaque sobre as pedras e voltei nadando ao local do afundamento. No primeiro mergulho, consegui chegar perto e, mesmo com a visão embaçada, enxerguei-o equilibrado na encosta submersa – inclinada a aproximadamente quarenta e cinco graus. Teria que fazer uma aproximação com movimentos precisos, pois qualquer esbarrão o faria descer encosta abaixo.

Após dois mergulhos frustrados, fiquei boiando na superfície para recuperar o fôlego. De repente, me veio o medo de aparecer um peixe grande, um cação ou algo parecido e, não sei se por autossugestão ou

(2) 1 milha náutica = 1,852 km





Paraty

Mais um ano de espera... e amadurecimento

Às vezes, o viajante parte, mas é em busca do “outro” que ele será após a viagem, pois nunca voltamos iguais ao que éramos antes da partida. Com boas e/ou más experiências, sempre há surpresas: nunca podemos prever quem seremos após viajar.

Durante o ano de 1989, a evolução técnica acelerou-se. Parecia também que todos os meus passos convergiam para a realização do que tanto desejava.

No terceiro fim de semana de janeiro, fui ser juíza de largada no Campeonato Mundial de Slalom, realizado no Rio Grande, em Nova Friburgo. Como todo campeonato, atraiu canoístas do Brasil inteiro, sendo ocasião para uma calorosa confraternização entre atletas.

Foi nessa oportunidade que encontrei o cirurgião plástico Delival Nobre, que, nas horas vagas, dedica-se a dois esportes: tiro e canoagem. Delival, no ano anterior, havia completado uma travessia oceânica juntamente com um canoísta baiano. Cobriram em 13 horas os setenta quilômetros que separam Caravelas e o arquipélago de Abrolhos, no litoral da Bahia.

Curiosa por conhecer melhor os detalhes do seu planejamento, num dos intervalos da competição pude conversar longamente com ele. Muito solícito e interessado em meus planos, Delival, como médico, abriu-me os olhos para alguns aspectos, como o desgaste da pele provocado pelo sol, sal e ventos, assim como me aconselhou a buscar a melhor forma de alimentação e hidratação.

Quando retornei ao Rio de Janeiro, voltei a remexer nos escritos das aulas e tudo o que havia aprendido no estágio no Laboratório de Fisiologia do Esforço (LABOFISE) da UFRJ. Durante um ano e meio acompanhei com muito interesse as atividades e as aulas de Fisiologia do Esforço do médico-professor Maurício Leal Rocha, que acabou se transformando num amigo.

Em suas aulas aprendi, entre muitas coisas, que a manutenção do equilíbrio do meio interno do corpo (a homeostase) é comprometida durante o exercício físico, o que exige uma compensação compatível com o nível de enfraquecimento sofrido. No período da travessia, teria de analisar continuamente as condições ambientais – frio, calor, vento –, navegação, o meu desgaste físico e psicológico e suas possíveis consequências sobre o equilíbrio interno do corpo. A época mais propícia para navegar com caiaque naquele trecho era o verão. Provavelmente, remaría sob um sol de até 40° Celsius em alguns pedaços e teria de suportar as variações de temperatura repentinas, causadas pelas chuvas.

Além disso, sofreria o cansaço de oito horas diárias de remada. Teria de evitar os riscos produzidos pela alta temperatura, estabelecendo rotinas equilibradas para repor adequadamente água e eletrólitos. Também teria de adaptar-me a grandes esforços sob altas temperaturas, teria de conhecer meus limites e, especialmente, saber a hora certa de parar.

Percebi, então, que as teorias e os conhecimentos se acumulavam e, na prática, apenas percursos pequenos haviam sido cumpridos. Diante da impossibilidade de ir até Santos, resolvi avaliar meu desempenho num percurso menor. Escolhi a cidade de Paraty como a meta de minha primeira travessia.

Seriam cento e sessenta quilômetros, e planejei cobrir essa distância em quatro dias. Iria com o equipamento que conseguisse emprestado e realizaria esse trajeto do meu jeito, sem muito conforto, mas com o essencial para sobreviver.



A sede de partir fez-me lembrar um monge que, ao ser entrevistado pela passagem de seus oitenta anos, encerrou seu relato com uma história que ouvira na infância: “-um ancião, ao completar idade avançada, recebeu a visita de uma fada, que lhe concedeu um desejo. Respondeu que queria voltar à infância com a mesma experiência dos anos já vividos. O desejo lhe foi concedido, mas, aos quatorze anos, ele ainda não sabia andar, tal o cuidado que tinha”. E o monge pedagogo concluiu: “-para que haja aprendizagem, é necessário experimentar, cair, tropeçar, enfim, as crianças precisam ser crianças”. Eu era “criança” em navegação. Aliás, somos todos crianças frente a assuntos que desconhecemos.

Com o caiaque do Delival, a barraca do Marco Aurélio, o saco de dormir do Leonel, os equipamentos envoltos em sacos de lixo, após três dias de correria, eu introduzia o remo na água, inaugurando a Rio-Paraty. Acenando para a canoísta Tereza Aragão, que me conduzira ao local de largada e ficara de me buscar em Paraty, parti muito nervosa, mas confiante de que conseguiria chegar ao meu destino. Avisei a minha família que iria para Paraty *com* o caiaque, e não *no* caiaque.

As primeiras horas de navegação foram bem tranquilas. Após cruzar os encantadores manguezais da Barra de Guaratiba, um pescador, que passou remando numa canoa, avisou-me para ter cuidado com o nordeste que iria soprar às 10h30. Agradei o conselho e segui pela Baía de Sepetiba, distinguindo, no horizonte, a Ilha de Jaguanum, a cerca de 29 quilômetros, onde planejava pernoitar.

Após três horas de remada, fui pega de través pelo vento nordeste, que chegou impiedoso. O caiaque, sem quilha ou leme, era arrastado sobre a superfície do mar como uma rolha, em direção à Restinga da Marambaia, onde há uma área militar de navegação proibida, de onde se podiam escutar os estampidos de tiros de canhão em treinamento.

Comecei a remar forte para tentar, ao menos, me afastar daquela região. Após meia hora de luta, percebi estar sendo observada por três pescadores que, numa traineira, haviam ido ao meu encaicho oferecer ajuda. Sabiam que eu corria risco de vida, por estar sendo arrastada em direção aos tiros. Propuseram me rebocar para a área de navegação permitida, evitando, assim, que eu me tornasse alvo de treinamento militar.

Não tendo outra escolha, ajudei-os a colocar o caiaque a bordo do barco e aproamos contra o vento cada vez mais violento. Sua força era tamanha que comecei a temer pelo motor do barco. Após alguns minutos de sacolejos, surgiram ruídos nada promissores e o motor parou de funcionar.

A AUTORA

Simone Miranda Duarte nasceu em Santiago, no Rio Grande do Sul, em 4 de fevereiro de 1960, mas considera-se carioca, já que desde um ano de idade vive no Rio de Janeiro.

Formada em Educação Física pela UFRJ, tomou gosto pela canoagem em 1988, quando ganhou o Campeonato Brasileiro de Velocidade. Não perdeu tempo. Em 1989, especializava-se em canoagem na Escola Nacional de Técnicos de Canoagem, na Universidade de Madri, Espanha. No mesmo ano foi a primeira representante do Brasil em um Campeonato Mundial de Velocidade, realizado em Plovdiv, Bulgária. Em seguida, ganhou as medalhas de bronze no Campeonato Pan-americano de Canoagem, no México, e no Sul-americano, na Argentina.

A partir daí, fez várias travessias oceânicas de caiaque. Em 1990, bateu o recorde nacional, solo, na travessia Rio-Santos, remando 451 quilômetros em 12 dias. Até então, o recorde era de dois rapazes que fizeram o mesmo trajeto em 16 dias. Em junho de 1992, fundou a Escola de Canoagem da Praia Vermelha. Campeã Brasileira de Canoagem Oceânica em 1992, 1993 e 1995, Simone também foi treinadora da equipe oficial de canoagem da Escola Naval do Rio de Janeiro e professora da Federação de Canoagem do Estado do Rio.

Realizou outras travessias em caiaque, com destaque para Caravelas-Abrolhos e 250 quilômetros pelo Rio São Francisco. Atualmente vive no Rio de Janeiro onde dá palestras e cursos sobre travessias e canoagem oceânica.

A autora responde e-mails de leitores através do endereço simoneduarte@ediventura.com

LEGENDAS DAS IMAGENS

PAG 10 Distâncias e convergências

Simone Duarte em diversos momentos de sua vida; nas travessias Angra-Rio, Rio-Santos e Caravelas-Abrolhos. Além de palestras as travessias deram origem ao livro, que teve a sua primeira edição esgotada.

PAG 16 E a ideia veio do mar...

O fascínio pela canoagem e pelos relatos de aventura juntaram-se ao encantamento pelas cartas náuticas e converteram-se em travessias.

PAG 22 Até acreditar em mim

Enquanto amadurecia a idéia da travessia Simone Duarte preparava-se competindo e remando sempre que possível.

PAG 30 Mais um ano de espera... e amadurecimento

Na travessia Rio-Paraty na foto do alto, e na foto da esquerda do centro, na Praia do Abraão em Ilha Grande; no centro a direita na Praia Brava e na foto de baixo o nascer do sol na Praia de Grumari.

PAG 40 Dois meses depois, uma nova travessia

Na travessia Paraty-Ubatuba, depois de autorizada por um morador, acampou em uma praia no Condomínio das Laranjeiras - foto de cima. No dia seguinte, rumo a Ubatuba, a Praia de Trindade ao fundo - foto de baixo.

PAG 52 Será que é verdade?

Depois de batizar o Umyak chegou à praia com o inesperado assédio da imprensa. Encerrava o ciclo de competições no Mundial de Velocidade da Bulgária para começar uma nova história na canoagem.

PAG 57 Simone Duarte em diversos momentos do primeiro dia de travessia.

PAG 62 A espera e a fúria

Durante a Rio-Santos navegando com os Atobás que descansavam nas bóias e cumprindo a primeira etapa em Pedra de Guaratiba.

PAG 68 Há sempre o azul

Durante a Rio-Santos na Baía de Sepetiba - foto de cima. No trecho entre Itacuruçá e Angra dos Reis, onde entristeceu-se com a quantidade de lixo nas águas - foto de baixo.

PAG 82 Meu Deus! Há um intruso a bordo...

Durante a Rio-Santos conferindo os calos e bolhas e na foto de baixo saindo do Condomínio das Laranjeiras.

PAG 94 Um descanso diferente

A tarefa diária de acondicionar os mantimentos, equipamentos e acessórios no caiaque e disciplinadamente registrando seus tempos e momentos durante a Rio-Santos.

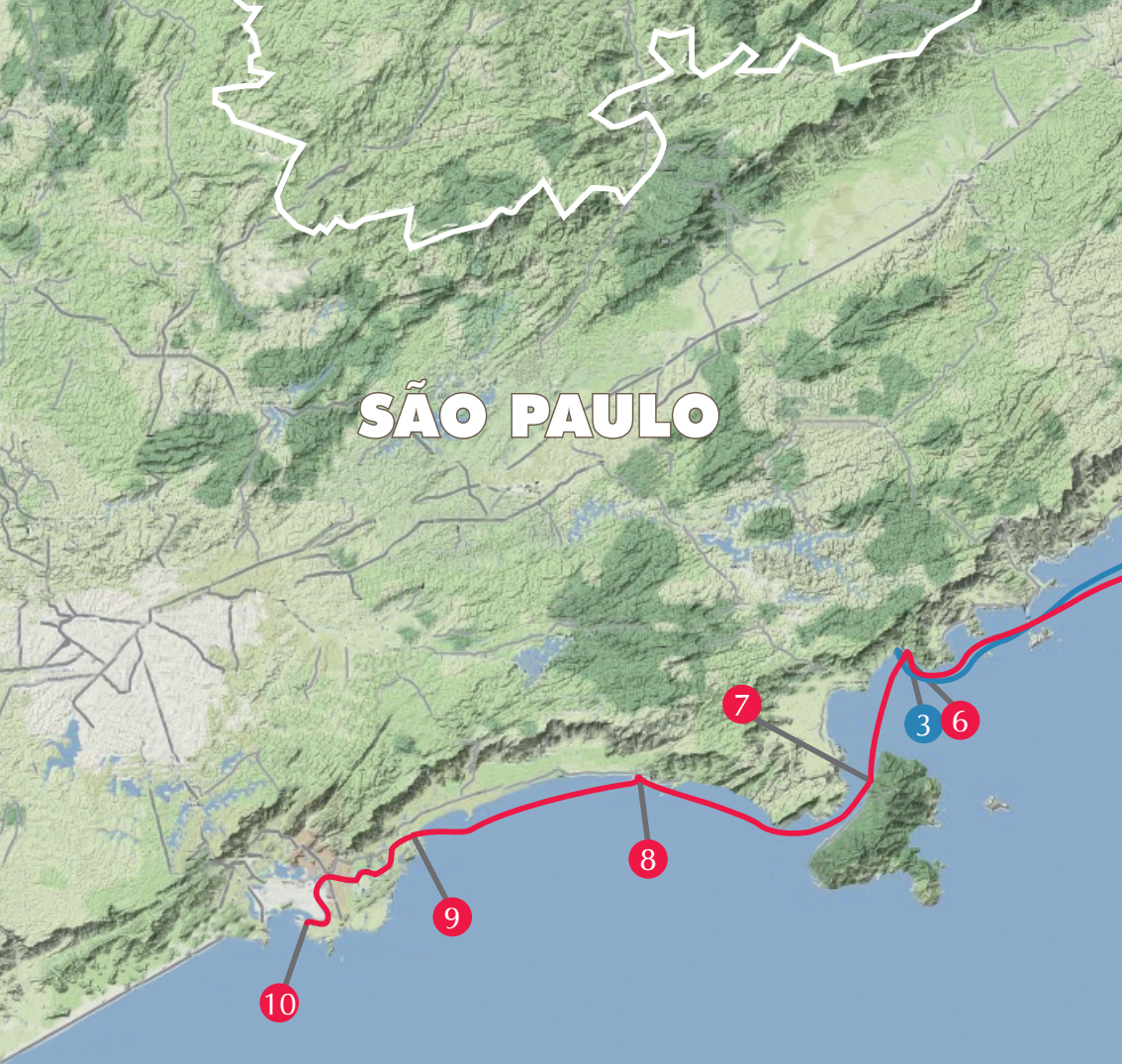
PAG 106 A tempestade

No penúltimo dia na saída de Barra do Una - foto de cima - e na saída de Bertioiga, no último dia da Rio-Santos.

PAG 114 A volta ao normal

Chegando à Santos e voltando para casa, ainda avaliando o feito. Do começo ao fim Simone Duarte despertou a curiosidade e a empatia das pessoas.

SÃO PAULO



Rio - Paraty

 1 Pedra de Guaratiba

 2 Muriqui

 3 Ilha Grande

 4 Angra dos Reis

 5 Paraty

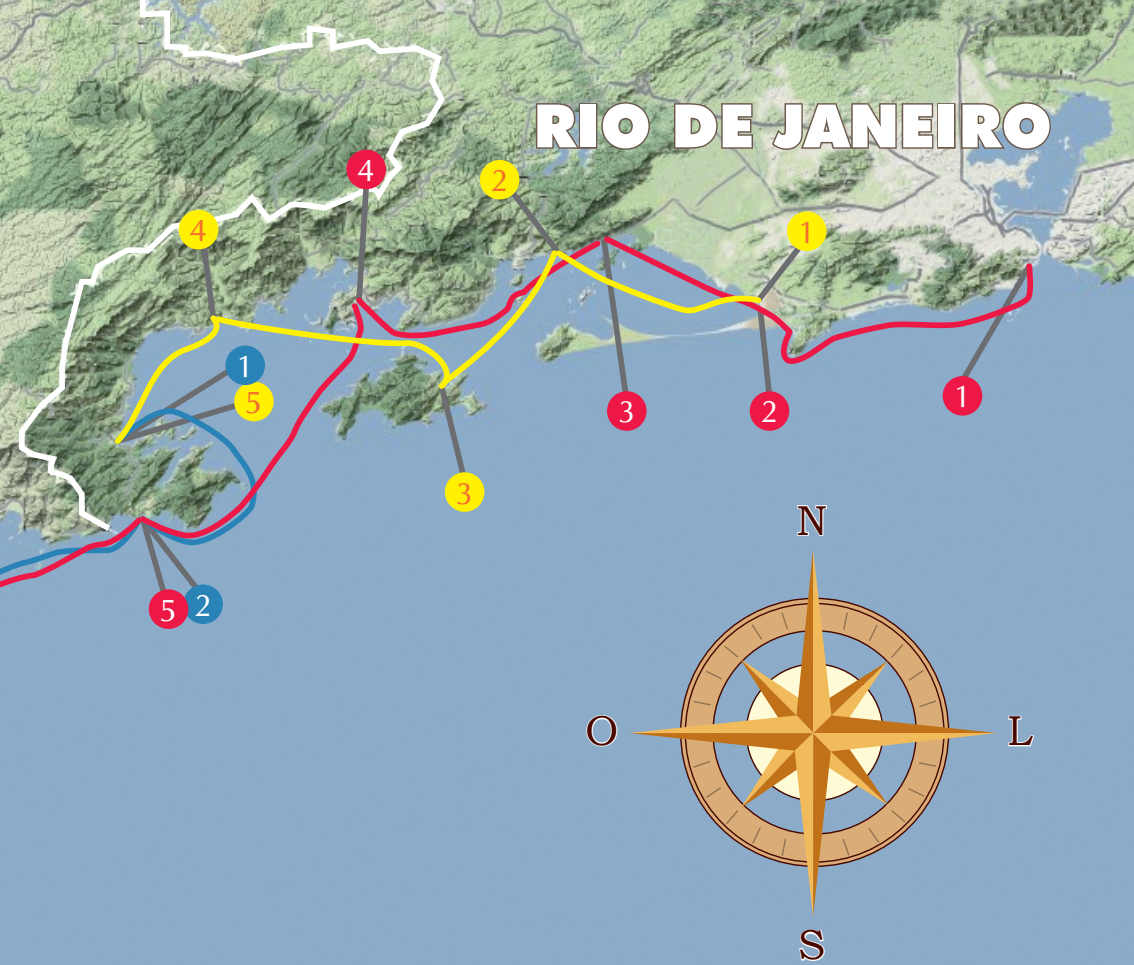
Paraty - Ubatuba

 1 Paraty

 2 Laranjeiras

 3 Ubatuba

RIO DE JANEIRO



● Rio - Santos

- | | | | |
|---|---------------------|----|--------------------|
| 1 | Rio de Janeiro | 6 | Ubatuba |
| 2 | Pedra de Guaratiba | 7 | Ilhabela |
| 3 | Itacuruça | 7 | Estada em Ilhabela |
| 3 | Estada em Itacuruça | 8 | Barra do Una |
| 4 | Angra dos Reis | 9 | Bertioga |
| 5 | Laranjeiras | 10 | Santos |

Angra dos Reis,
Rio de Janeiro



foto por Sebastien Cretin



eclipsecaiaques.com.br